

COOPERATIVISMO AGROECOLÓGICO INDÍGENA: DESAFIOS E REFLEXÕES

INDIGENOUS AGROECOLOGICAL COOPERATIVISM: CHALLENGES AND REFLECTIONS

Thais Cremon

Universidade Federal da Grande Dourados

thaiscremon@outlook.com

Eduardo Luis Casarotto

Universidade Federal da Grande Dourados

eduardocasarotto@ufgd.edu.br

Jahayra Yamel Ayala Macias

Universidade Federal da Grande Dourados

yamel-ayala@hotmail.com

GT6. Cooperativismo, associativismo e demais ações coletivas no meio rural

Resumo

Este estudo investiga a potencial contribuição do cooperativismo para a segurança alimentar de famílias indígenas em Dourados-MS, em um contexto de vulnerabilidade crescente acentuada pela pandemia e por processos históricos de exclusão. A pesquisa, de natureza qualitativa, envolveu famílias integrantes do Núcleo dos Produtores Orgânicos Indígenas (NUPOIN) e utilizou entrevistas semiestruturadas para captar relatos de experiência dos participantes. O método interpretativista permitiu uma análise aprofundada dos significados e contextos dos depoimentos, evidenciando tanto as potencialidades quanto as dificuldades inerentes à formação de cooperativas indígenas. Durante o processo, observou-se que, mesmo com a realização de atividades de capacitação e treinamento, o projeto de formação de uma cooperativa encontrou barreiras significativas, como a falta de transporte adequado, problemas de infraestrutura e a ausência de suporte contínuo após a mudança de lideranças acadêmicas. Os resultados demonstraram que, embora os participantes tenham reconhecido o potencial do cooperativismo como meio para fortalecer a segurança alimentar e promover a autonomia econômica, a descontinuidade do projeto gerou sentimentos de abandono e evidenciou a dependência dos indígenas de apoio técnico e motivacional externo. Conclui-se que, embora o cooperativismo possa ser uma ferramenta estratégica para reduzir a pobreza rural e promover a inclusão social, seu sucesso depende essencialmente do suporte institucional contínuo, da adaptação dos modelos às realidades locais e do respeito às práticas culturais tradicionais. Em síntese, o estudo contribui para o debate científico ao evidenciar que a promoção de meios de vida sustentáveis em comunidades indígenas requer estratégias que conciliem a tradição cultural com práticas modernas de organização econômica, bem como políticas públicas que garantam suporte técnico, infraestrutura adequada e a continuidade das ações de capacitação.

Palavras-chave: Povos tradicionais, cooperativismo, desenvolvimento rural, agroecologia.

Abstract

This study investigates the potential contribution of cooperativism to the food security of indigenous families in Dourados-MS within the context of increasing vulnerability exacerbated by the pandemic and historical processes of exclusion. This qualitative study involved families participating in the Núcleo dos Produtores Orgânicos Indígenas (NUPOIN) and employed semi-structured interviews to capture participants' experiential accounts. The interpretivist approach enabled an in-depth analysis of the meanings and contexts embedded in the testimonies, highlighting both the potential and challenges inherent in the formation of indigenous cooperatives. Throughout the process, it was observed that despite training and capacity-building activities, the cooperative formation project encountered significant barriers, such as inadequate transportation, infrastructure deficiencies, and the lack of continuous support following

changes in academic leadership. The results revealed that, although participants acknowledged the potential of cooperativism to strengthen food security and foster economic autonomy, the project's discontinuation led to feelings of abandonment and underscored indigenous farmers' reliance on external technical and motivational support. The study concludes that while cooperativism can serve as a strategic tool for reducing rural poverty and promoting social inclusion, its success fundamentally depends on continuous institutional support, adaptation of models to local realities, and respect for traditional cultural practices. In summary, this study contributes to the scientific debate by demonstrating that the promotion of sustainable livelihoods in indigenous communities requires strategies that reconcile cultural traditions with modern economic organization practices, as well as public policies that ensure technical support, adequate infrastructure, and continuity of capacity-building initiatives.

Keywords: Traditional peoples, cooperativism, rural development, agroecology.

1. Introdução

A Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura (2017) define a insegurança alimentar como uma “situação que existe quando as pessoas não têm acesso garantido a quantidades suficientes de alimentos seguros e nutritivos para um crescimento e desenvolvimento normais e uma vida ativa e saudável”. Com base nessa definição, dimensões da segurança alimentar podem ser identificadas, tais como: disponibilidade de alimentos; acesso econômico e físico aos alimentos; e estabilidade ao longo do tempo (Soares et al., 2021).

O fenômeno da insegurança alimentar vem aumentando mundialmente ao longo dos anos, especialmente após a pandemia de COVID-19, e os povos indígenas são identificados como uma das populações de maior vulnerabilidade (FAO, 2021). No Brasil, a população autodeclarada indígena representa uma parcela de cerca de 0,4%, totalizando 817.963 indivíduos (IBGE, 2010). De acordo com o mesmo censo, Mato Grosso do Sul ocupa o segundo lugar em valores absolutos de pessoas autodeclaradas indígenas (73.295), atrás apenas de Amazonas, e Dourados como o município com a segunda maior população indígena do estado (6.830 pessoas).

O histórico das terras indígenas de Dourados é semelhante ao de outros lugares do Brasil. Durante a ocupação por agentes colonizadores, o Estado utilizou-se da política de criação de reservas para limitar o território indígena, esperando que estes grupos se comportassem como os colonos europeus e cultivassem pequenas lavouras em áreas individuais, desconsiderando as subjetividades culturais dos povos tradicionais (Cavalcante, 2019). Com a criação das reservas, veio ainda a impossibilidade das práticas de caça, coleta e pesca sem limitação territorial, além da imposição de mudanças drásticas nas práticas agrícolas dos povos em questão, devido à destruição ambiental provocada pela expansão das áreas de monocultura – cenário que contribuiu para existência de um grave quadro de insegurança alimentar (Cavalcante, 2019).

O processo de colonialismo, que tornou limitante suas práticas tradicionais, somado ao aumento da densidade populacional nas reservas, ocorrido especialmente na segunda metade do século XX, tornou inviável aos povos indígenas de Dourados o sustento exclusivo pelo trabalho na terra. Estes indivíduos submetem-se a trabalhos em condições extenuantes, nem sempre recebendo direitos trabalhistas e limitam-se, em sua maioria, a serviços rurais, na construção civil, na coleta de lixo e a trabalhos domésticos, no caso das mulheres (Cavalcante, 2019).

A Universidade Federal da Grande Dourados tem representado um importante papel na capacitação e retomada da produção agrícola pelas famílias indígenas das reservas de Dourados através de projetos de extensão, como o projeto “Transformando a realidade a partir dos saberes tradicionais indígenas”, que tem apoiado a produção agroecológica nas aldeias Jaguapiru e Bororó (UFGD, 2021).

Em junho de 2022, a Incubadora de Tecnologias Sociais e Solidárias da UFGD, com o apoio do projeto Ânimo - (Ñande Retea'e), iniciativa que visa à segurança alimentar e hídrica de comunidades indígenas - firmou acordo com o Núcleo dos Produtores Orgânicos Indígenas (NUPOIN), composto por indígenas das reservas Jaguapiru, Bororó e Panambizinho para a incubação de um projeto de associativismo indígena – com viés de formação de uma Cooperativa Indígena no município.

Na incubadora deveria ser realizado, essencialmente, o processamento mínimo de alimentos produzidos pelas famílias indígenas, a fim de minimizar os impactos de perda por sazonalidade (congelamento) e também originar produtos com maior valor agregado para comercialização. Importante frisar que essa incubação visa a valorização e fomento da produção em bases agroecológicas, as boas práticas de manuseio de alimentos e a consideração da cultura alimentar e produtiva indígena em formato híbrido com processamento de alimentos de consumo nas cidades.

A organização em associações e cooperativas tem se mostrado eficiente para a redução da pobreza rural, pois facilita o acesso aos produtos de pequenos produtores nos mercados locais, além de apoiar a capacitação, bem como a difusão de conhecimento entre os agricultores, o que é fundamental para a adoção de boas práticas agrícolas, práticas de adaptação às mudanças climáticas e desenvolvimento de estratégias de enfrentamento de riscos (Gava et al., 2021).

Este estudo busca contribuir para o debate científico sobre a cooperação nas comunidades indígenas com bases agroecológicas melhorando o conhecimento sobre os mecanismos encontrados por agricultores indígenas para alcançar meios de vida sustentáveis em um contexto de vulnerabilidade e fornecendo informações baseadas em evidências para uso prático por atores do agronegócio, pesquisadores e formuladores de políticas. O objetivo é identificar como a participação em cooperativa pode contribuir para a segurança alimentar de suas famílias.

A pesquisa atende a 4 dos 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável da ONU, sendo eles: Erradicação da pobreza, Fome Zero e Agricultura Sustentável, Trabalho Decente e Crescimento Econômico e Redução das Desigualdades.

2. Materiais e Métodos

O trabalho foi realizado com famílias indígenas que fazem parte do Núcleo dos Produtores Orgânicos Indígenas. A pesquisa é de natureza qualitativa, focada na análise dos relatos de experiência de representantes dos participantes. A metodologia qualitativa foi escolhida por sua capacidade de proporcionar uma compreensão profunda dos fenômenos investigados, explorando a complexidade das experiências e perspectivas dos participantes (Gil, 2010).

O procedimento metodológico inclui a utilização de entrevistas semiestruturadas, que permitem flexibilidade nas respostas dos participantes, promovendo um diálogo mais aberto e rico em informações. O roteiro de perguntas foi elaborado com o objetivo de orientar as entrevistas, garantindo que temas relevantes fossem abordados, mas sem restringir a espontaneidade dos participantes (Minayo, 2004). O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, que assegura a participação voluntária e informada dos entrevistados, está disposto no Apêndice I.

Aa entrevistas foram iniciadas com a leitura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para cada respondente, e explicação detalhada dos objetivos da pesquisa e assegurando a compreensão e aceitação dos participantes. As entrevistas seriam realizadas individualmente, porém, os participantes alegaram estar mais confortáveis com uma entrevista em grupo em um encontro presencial. Não foi estabelecido um tempo

mínimo para cada entrevista, permitindo uma adaptação às necessidades e disponibilidade dos participantes. Quatro participantes do projeto estavam presentes. Ainda antes do início da entrevista, foi diagnosticado que o projeto de cooperativa foi descontinuado. A partir daí, as perguntas foram readaptadas para essa realidade.

As entrevistas foram gravadas e a transcrição realizada pelo Evernote. A técnica de análise adotada é a análise interpretativista. Esse método envolve a compreensão dos significados e contextos dos relatos dos participantes, considerando suas perspectivas e experiências pessoais. A análise interpretativista busca revelar padrões, temas e significados subjacentes nas respostas, proporcionando uma compreensão mais profunda do fenômeno investigado (Tsang, 2014).

3. Resultados e Discussão

O acordo para a formação da Cooperativa foi firmado em 2022, com o objetivo de promover a organização econômica e fortalecer a segurança alimentar de comunidades indígenas de Dourados em Mato Grosso do Sul. Entre 2022 e o início de 2023, houve atividades de treinamento e acompanhamento técnico oferecidos pela Incubadora de Tecnologias Sociais e Solidárias da UFGD. No entanto, o projeto enfrentou dificuldades logísticas, como a falta de transporte adequado para os membros das aldeias, o que comprometeu a participação contínua nos treinamentos. Além disso, a mudança do fundador do projeto para outra cidade no final de 2022 prejudicou o desenvolvimento das atividades, deixando o grupo sem o suporte necessário para dar continuidade aos trabalhos da cooperativa. Assim, as atividades foram descontinuadas.

As respostas dos entrevistados (R1, R2, R3 e R4) revelam a complexidade das dinâmicas internas e externas que influenciaram o andamento do projeto de cooperativa indígena. Trechos da entrevista demonstram que, embora a ideia da cooperativa fosse vista como promissora pelos participantes, a execução e continuidade do projeto enfrentaram uma série de dificuldades.

O sentimento de abandono é recorrente entre os entrevistados, e a descontinuidade do projeto é atribuída em grande parte à falta de apoio dos professores envolvidos, como relatado por R1: *“As cabeças do projeto afastaram de nós... Aquele entusiasmo acabou, né? Ficamos sozinhos de novo”*. A presença dos professores e outros atores era vista como fundamental não só para o fornecimento de recursos, mas principalmente para o suporte técnico e motivacional, como evidencia R1 ao afirmar: *“O apoio, né? O apoio. Que daí dá... Direciona a ideia da gente, né?”*. Para os participantes, o projeto dependia menos de financiamento e mais de orientação e liderança.

A infraestrutura precária também emergiu como um obstáculo significativo, exacerbado por eventos externos que culminaram na destruição de recursos naturais e equipamentos, conforme destacado por R2: *“Primeiramente, colocaram fogo, né? Terminaram com a nossa palha. Ai depois, a água que mandava para cá também, o cano queimou tudo.”* É importante destacar que nesta área em questão, assim como na maior parte das reservas indígenas de Dourados, não existe saneamento básico e a disponibilidade de água é um desafio. Inicialmente, professores do projeto haviam instalado um carneiro hidráulico para bombear água de uma lagoa próxima ao local, porém, como relatado, o sistema foi destruído. Além disso, houve dificuldades com o uso compartilhado de recursos, como um mini trator, que havia sido adquirido pelo projeto e que foi deslocado para outra comunidade, conforme R1 menciona: *“Aquele tratorzinho que comprou com o projeto... Ele levou pra lá, fundiu lá.”* Esses incidentes comprometeram a capacidade produtiva da comunidade e enfraqueceram os laços entre os membros do projeto.

Sobre a formação da cooperativa, os entrevistados reconheceram o potencial da ideia, mas admitiram que a iniciativa não foi concretizada, como afirmado por R1: *“A ideia de se juntar ainda é boa. Só que nós não firmamos a ideia.”* A tentativa de formalização ficou incompleta, e as razões apontadas incluem tanto o afastamento dos líderes quanto a falta de coesão entre os membros da comunidade. A entrevista revela que, sem o apoio externo, os participantes não se sentiram capazes de levar o projeto adiante por conta própria, como expresso por R1: *“Sozinho não dá para ir não. Tem que ter apoio”*. Um dos entrevistados destacou que, para o projeto prosperar, é necessário *“apoio. Porque quando... Aquela vez que tinha apoio, né? Ai as meninas produziam, produziam mesmo e levavam para a cidade. Tinha o seu dinheiro, né?”* (R3). Esse depoimento reflete a dependência das comunidades indígenas do apoio institucional para o desenvolvimento de suas atividades econômicas e produtivas.

Outro ponto importante é o respeito à cultura e tradição indígena. Quando questionados se o projeto respeitava suas práticas culturais, os entrevistados responderam de forma afirmativa, com R1 e R2 afirmando: *“A tradição, a cultura, né? Da agroecologia.”* Isso indica que, apesar das dificuldades operacionais, houve um esforço inicial para alinhar as práticas do projeto com os valores culturais da comunidade. A desconexão entre o projeto e a realidade cotidiana dos participantes, especialmente em relação à formação da cooperativa, parece ter dificultado a plena integração dessas práticas.

A formação de cooperativas em comunidades indígenas pode ser uma estratégia relevante para promover a autonomia econômica e fortalecer as relações sociais e culturais dessas comunidades. O cooperativismo é um modelo de organização produtiva que pode mitigar a exclusão social em áreas vulneráveis, principalmente em comunidades tradicionais, ao favorecer a gestão coletiva e a autossuficiência econômica (Majee; Hoyt, 2011). No entanto, as iniciativas cooperativistas em contextos indígenas enfrentam barreiras significativas, como a falta de infraestrutura e apoio técnico contínuo, aspectos que dificultam a sustentabilidade de tais projetos (Tapia Mejia; Pico González, 2022).

A discussão sobre a criação de cooperativas indígenas destaca os desafios enfrentados por essas organizações para conciliar práticas tradicionais com os princípios do cooperativismo moderno. Segundo Vargas-Chaves (2023), as cooperativas indígenas enfrentam uma tensão entre a autonomia cultural e os modelos de gestão econômica tradicionais do cooperativismo, criando um espaço para debate dentro do direito cooperativo. Essa dificuldade é exacerbada pelas barreiras estruturais que muitas dessas comunidades enfrentam, como o acesso limitado a recursos e infraestrutura.

No contexto estudado, as dificuldades logísticas e a falta de apoio contínuo comprometem o desenvolvimento sustentável da iniciativa cooperativa. Os sistemas de cooperação são fundamentais para o desenvolvimento social das comunidades indígenas, mas sua efetividade depende do apoio externo e da adaptação das práticas cooperativas às necessidades locais (Galindo-Reyes et al., 2016). No caso específico do projeto de cooperativa em Dourados, a redistribuição de lideranças e o afastamento de professores da universidade, interromperam o suporte técnico e administrativo, dificultando o avanço da organização.

A dependência do suporte técnico, aliada às dificuldades de transporte, revela a fragilidade de um sistema que não é plenamente integrado às necessidades da comunidade. Bem como, a criação de cooperativas indígenas exige uma abordagem que respeite tanto a autonomia dos povos quanto os princípios do cooperativismo moderno, em um equilíbrio que muitas vezes é difícil de alcançar (Vargas-Chaves, 2023).

Por outro lado, o modelo de empreendedorismo cooperativo pode trazer resultados positivos para essas comunidades, como demonstrado no estudo sobre a cooperativa

Sihuatl Tlen em Tlaxcala, México. De acordo com Tapia Mejía e González (2022), a implementação de práticas cooperativas entre mulheres indígenas melhorou sua qualidade de vida, apesar das dificuldades enfrentadas pela organização. Isso sugere que, com o apoio adequado e a adaptação das práticas cooperativas à realidade local, as comunidades indígenas podem alcançar uma autonomia econômica significativa por meio do cooperativismo.

Portanto, é evidente que a formação de cooperativas indígenas requer um apoio contínuo e adaptado às especificidades culturais e logísticas dessas comunidades. Sem esse suporte, como demonstra o caso estudado, as iniciativas tendem a enfrentar desafios que podem comprometer sua viabilidade em longo prazo.

No entanto, embora o apoio técnico e financeiro de instituições parceiras seja um fator determinante para o sucesso das cooperativas, trabalhar simultaneamente a construção de lideranças internas pode contribuir para a sustentabilidade dessas iniciativas em longo prazo, reduzindo a vulnerabilidade frente à saída de agentes externos (Loor Alcívar, 2020). Além disso, na Agenda Transversal Povos Indígenas, a institucionalização do apoio às cooperativas indígenas por meio de políticas públicas pode garantir maior previsibilidade e segurança na gestão desses projetos, assim, o equilíbrio entre suporte externo e fortalecimento da governança interna surge como um fator essencial para o desenvolvimento socioeconômico da comunidade (Brasil, 2024).

4. Conclusões

A pesquisa sobre a formação de cooperativas indígenas em Dourados evidencia a complexidade de implementar modelos de organização socioeconômica em comunidades que enfrentam múltiplas barreiras estruturais, culturais e logísticas. A partir da análise das entrevistas e da revisão da literatura, conclui-se que, embora as cooperativas sejam uma ferramenta potente para promover autonomia e inclusão social, seu sucesso depende de fatores externos, como o suporte contínuo de instituições parceiras e o acesso a recursos materiais e técnicos. No caso específico desta cooperativa, a redistribuição de lideranças acadêmicas representou um obstáculo significativo, que limitou o desenvolvimento sustentável da iniciativa.

Entre os principais achados da pesquisa, destaca-se a importância do apoio técnico constante e da adaptação dos modelos cooperativos às particularidades culturais das comunidades indígenas. O cooperativismo moderno, muitas vezes enraizado em conceitos ocidentais de gestão e produção, deve ser flexível o suficiente para acomodar práticas tradicionais e valores comunitários que norteiam a vida dos povos indígenas.

A pesquisa apresenta algumas limitações: primeiramente, a descontinuidade da cooperativa frustrou o objetivo inicial do estudo, de avaliar seu impacto na segurança alimentar dos envolvidos; além disso, o estudo concentrou-se em uma única experiência de cooperativa indígena em Dourados, o que limita a generalização dos resultados para outras regiões ou comunidades com diferentes contextos culturais e econômicos.

Para pesquisas futuras, recomenda-se a expansão do escopo para incluir comparações entre cooperativas indígenas em diferentes regiões do Brasil e da América Latina, a fim de identificar padrões comuns e desafios específicos. Outra sugestão seria a inclusão de estudos longitudinais, que acompanhem o desenvolvimento de cooperativas indígenas ao longo do tempo, analisando como diferentes formas de suporte técnico e financeiro influenciam seu sucesso. Por fim, pesquisas que integrem abordagens quantitativas e qualitativas podem oferecer uma visão mais completa dos benefícios e desafios das cooperativas, tanto do ponto de vista econômico quanto social, contribuindo para o desenvolvimento de políticas públicas mais eficazes no apoio a essas iniciativas.

Agradecimentos

Os autores agradecem à Fundação de Apoio ao Desenvolvimento do Ensino, Ciência e Tecnologia do Estado de Mato Grosso do Sul (FUNDECT) - TO: 287/2022– SIAFEM: 32206; TO: 100/2023 – SIAFEM: 33080 e TO: 928/2022 – SIAFEM: 32674; Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq): Processos 311970/2023-0; 406013/2023-3 e 403959/2024-1; CAPES e a Universidade Federal da Grande Dourados.

Referências Bibliográficas

BRASIL. Ministério do Planejamento e Orçamento. Relatório Agenda Transversal Povos Indígenas. Brasília: Ministério do Planejamento e Orçamento, 2024. Acesso em: 3 abr. 2025.

CAVALCANTE, T. L. V. Colonialidade e Colonialismo Interno: A Política de Criação de Reservas Indígenas no Sul de Mato Grosso do Sul e Algumas de suas Consequências Contemporâneas. In: MOTA, J. G. B.; CAVALCANTE, T. L. V. (Eds.). **Reserva Indígena de Dourados: Histórias e Desafios Contemporâneos**. São Leopoldo: Karywa. v. 1p. 21–42, 2019.

FAO. **The State of Food Security and Nutrition in the World 2017. Building resilience for peace and food security**. Rome: ONU, 2017.

FAO. **In Brief to The State of Food Security and Nutrition in the World 2021**. Rome: ONU, 2021.

GAVA, O. et al. Agricultural cooperatives contributing to the alleviation of rural poverty. The case of Konjic (Bosnia and Herzegovina). **Journal of Rural Studies**, v. 82, n. December 2020, p. 328–339, 2021.

GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

IBGE. Os indígenas no Censo Demográfico 2010: primeiras considerações com base no quesito cor ou raça. **Censo Demográfico 2010**, p. 232, 2010.

LOOR, M. Responsabilidad Social y Sostenibilidad Corporativa: Un Estudio Aplicado al Sector Cooperativo de Ecuador. 2020. Tesis (Doctorado en Ciencias Económicas y Empresariales) – Universidad de Córdoba, Córdoba, 2020.

MINAYO, M. C. de S. **O Desafio do Conhecimento: Pesquisa Qualitativa em Saúde**. 11. ed. São Paulo: Hucitec, 2004.

SOARES, G. H. et al. Household food insecurity, dental caries and oral-health-related quality of life in Brazilian indigenous adults. **Ciencia e Saude Coletiva**, v. 26, n. 4, p. 1489–1500, 2021.

GALINDO-REYES, F. C. et al. Rural indigenous women in Bolivia: A development proposal based on cooperativism. **Women's Studies International Forum**, v. 59, p. 58–66, nov. 2016.

MAJEE, W.; HOYT, A. Cooperatives and Community Development: A Perspective on the Use of Cooperatives in Development. **Journal of Community Practice**, v. 19, n. 1, p. 48–61, jan. 2011.

TAPIA MEJIA, E.; PICO GONZÁLEZ, B. Emprendimiento cooperativista en la organización de mujeres indígenas Siuatl Tlen en San Pablo del Monte, Tlaxcala, México. **Sapienza: International Journal of Interdisciplinary Studies**, v. 3, n. 9, p. 4–15, 15 dez. 2022.

TSANG, E. W. K. Generalizing from Research Findings: The Merits of Case Studies. **International Journal of Management Reviews**, v. 16, n. 4, p. 369–383, out. 2014.

VARGAS-CHAVES, I. Las cooperativas indígenas: entre los derechos a la autonomía y la libre determinación de los pueblos indígenas y su plan de vida. **Boletín de la Asociación Internacional de Derecho Cooperativo**, n. 62, p. 137–164, 24 jul. 2023.

APÊNDICE I

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado entrevistado, as perguntas a seguir fazem parte de um estudo da Professora Visitante Dr^a. Thais Cremon, do PPGAgronegócios da Universidade Federal da Grande Dourados, UFGD. O objetivo é analisar a percepção dos participantes do projeto Ânimo sobre os impactos de suas atividades na formação de cooperativa na incubadora da UFGD em suas vidas.

Garantimos o anonimato. Os dados coletados serão mantidos confidenciais e não serão divulgados individualmente, assegurando a privacidade da participação. Nenhum membro da equipe de pesquisa compartilhará informações pessoais ou residenciais dos participantes. A pesquisadora se compromete a compartilhar os resultados de maneira consolidada no meio acadêmico.

A sua participação é fundamental para o sucesso desta pesquisa. Pedimos que responda com atenção as perguntas abaixo, contribuindo, assim, para um entendimento mais profundo sobre a temática abordada.

Em caso de dúvidas, fique à vontade para entrar em contato pelo e-mail: thaiscremon@ufgd.edu.br.

Desde já, agradecemos por sua colaboração.

Roteiro de Perguntas

- 1 - Como têm sido as atividades da cooperativa? Vocês seguem produzindo?
- 2 - O que você acha sobre a ideia de formar uma cooperativa indígena? Quais benefícios ou desafios você enxerga?
- 3 - Você sente que as práticas adotadas no projeto respeitaram as tradições alimentares da sua cultura? Pode explicar como?
- 5 - O que você gostaria que fosse feito de maneira diferente no projeto de cooperativismo?
- 6 - Como a sua experiência no projeto tem influenciado a sua visão sobre a produção e comercialização de alimentos no contexto das reservas indígenas?
- 7 - Quais são os próximos passos que você acredita serem importantes para o sucesso da cooperativa?